



Sofridas, elas têm esperança. Aurelina (alto à esquerda) está à espera, Ivone (à direita) e a "V'oz dos Inquilinos" e Petronília Lima (à esquerda) ensina que enquanto tiver fé a vida continua



Caminhões e bandeirinhas: Deus fez a terra

Velhas, elas não perdem a fé

O dia útil, com maridos e filhos no trabalho, acabou dando um toque feminista à manifestação da Assinc. As mulheres estavam em flagrante maioria. Algo em torno de 80 por cento. Entre elas, senhoras sessentonas, sofridas, que não perdem a esperança de obter o tão almejado lote. Ouvi-las é difícil. Todas querem falar. Algumas julgam até que as anotações são para o credenciamento visando a doação dos lotes.

Aurelina Maria da Silva, 66 anos, mineira de Monte Azul, casada, três filhos, renda familiar mensal de Cz\$ 1 mil e 800, aluguel de uma casa (QNP 34, conj. I, casa 32) a Cz\$ 1 mil e 100, está há sete anos em Brasília. E esperando por um lote. "Eu estive aqui no dia 09 e vi o homem falar que os lotes seriam nossos. Ele falou: Samambaia é dos inquilinos da Ceilândia. Agora estou esperando. Como é que eu vou fazer se

isso não for verdade, não sei. O dono está querendo a minha casa. Vou ter que sair de lá", afirmou ela, que saiu às 6h para participar da manifestação.

Eleita a "Vó dos Inquilinos", Ivone Carvalho da Silva, 68 anos, crente nas coisas de Deus, falou em invasão: "Se não derem os lotes, a gente invade. Olha, nós não temos casa até agora porque nunca tivemos coragem de invadir um lote. Muita gente fez isso. Agora não dá para esperar". Alagoana de União dos Palmares, casada com um barbeiro de 70 anos que às vezes não consegue somar Cz\$ 200, ao fim de uma semana, Ivone não está muito crente nas promessas ouvidas. E justifica: "Na minha vida eu já vi o Israel Pinheiro falar que aqui não é lugar de pobre. Outro dia eu vi o Aparecido dizer também, na tv, que aqui não é lugar de pobre. Então não sei o que vai acontecer com a gente. Eu pago Cz\$ 600 por uma casa no Setor P-Sul

da Ceilândia. Meu filho ajudava, mas agora ele está desempregado e parou. O dono da casa já falou que a gente vai pra debaixo do pau".

Situação mais difícil ainda vive Petronília Ribeiro Lima, 72 anos, oito de Brasília, viúva, aposentada pelo Funrural, três netos e um barraco de dois cômodos, onde mora também a filha, por Cz\$ 350. Petronília recebe por mês Cz\$ 400. Para viver, ela trabalha voluntariamente na Legião Brasileira de Assistência, recebendo por isso alguma ajuda: "Eu ganho, às vezes, um pouco de arroz, feijão ou alguma outra coisinha. Só assim é que dá para viver", afirmou em meio aos cantos, com uma expressão que não deixava transparecer as dificuldades citadas. "Se a vida é boa? Ela é mais ou menos, mas enquanto a gente tiver fé dá para continuar vivendo", afirmou em tom professoral.